SHOWBIZZ

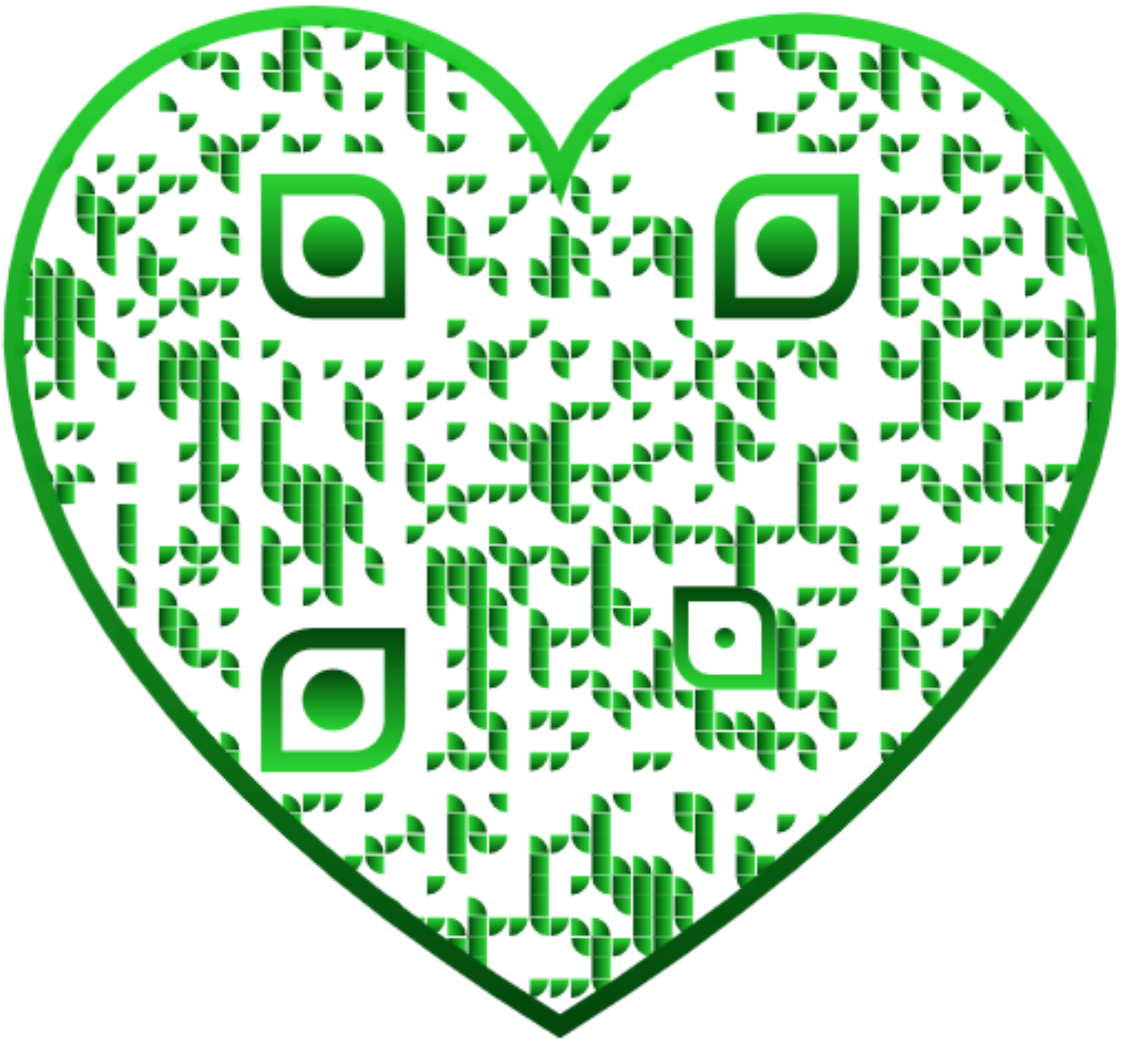
ESPECIAL

KURT COBAIN

EDITORA AZUL

- HISTÓRIA COMPLETA DO ÍDOLO: DA INFÂNCIA TUMULTUADA AO FIM TRÁGICO
- O FILME QUE COURTNEY LOVE NÃO QUER QUE VOCÊ VEJA
- NOVAS REVELAÇÕES SOBRE A MORTE DE COBAIN
- PÔSTER COM FOTO INÉDITA

PARTE INTEGRANTE DA REVISTA SHOWBIZZ ED. 153. NÃO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE



CHEIRA A CAÇA

-NÍQUEIS JUVENIL

RODRIGO LEÃO

Kurt Cobain meteu um tiro na cabeça em 05 de abril de 1994, marcando uma geração e entrando para a história. Quatro anos depois de sua morte, o diretor inglês Nick Broomfield tenta expor o mistério que tortura até hoje a mente dos fãs do Nirvana: será que Courtney Love matou (ou mandou matar) o marido?

Com dinheiro da BBC de Londres e muita cara-de-pau, Broomfield se infiltrou no que restou da cena grunge de Seattle para filmar o documentário *Kurt And Courtney*. Falou com muita gente, mas não conseguiu quem mais queria: Courtney Love. Ela se recusou de prestar depoimento sobre a morte do marido e ainda colocou um poderoso time de advogados para garantir na Justiça que o filme nunca chegasse às telas.

O medo de Love tem fundamento. Nick Broomfield é conhecido por virar pelo avesso os objetos de seus filmes. No documentário *Heidi Fleiss: Madame Hollywood* (exibido num festival de cinema no Rio), ele mostrou o lado mais podre da famosa cafetina que oferecia serviços de prostitutas de luxo aos astros de cinema americanos. Com a boa repercussão da fita, Broomfield conseguiu uma entrevista que virou especial da rede de TV HBO – com a *serial killer* Aileen Wuornos momentos antes de ela ser executada na cadeira elétrica.

Se o diabo é o pai do rock, Kurt Cobain está em boa companhia. Ei-lo animando uma festa no inferno ao lado de "profanos" como John Lennon, Raul Seixas, Cazuza etc.

FOTO CAPA: RETNA

Cenas raras da vida de Kurt são o principal atrativo do documentário de Nick Broomfield

LEIA O FILME

por Adriane Grau

Kurt And Courtney tem apenas um único objetivo: provocar polêmica. Nick Broomfield não entrevistou ninguém do departamento de polícia de Seattle e muito menos conseguiu falar com Courtney Love. Como represália, dá espaço apenas para os detratores da cantora – não há um único depoimento de pessoas simpáticas a Love, como o diretor Milos Forman (que a dirigiu em *O Povo VS. Larry Flint*) ou a intelectual Camille Paglia.

O documentário obedece ao estilo "jornalístico" do diretor. Ele aparece na frente da câmera e deixa que os amigos de Kurt Cobain e os inimigos de Courtney falem à vontade.

No primeiro grupo está Mary, tia de Cobain. Ela aparece empunhando uma guitarra em frente a uma enorme cruz na parede de sua casa. Mary revela para as câmeras as imagens do líder do Nirvana quando ele ainda era um garoto e toca uma fita dele cantando uma música dos Beatles ("Hey Jude").

Broomfield mostra como Mary passa parte de seu tempo indo a escolas para cantar e contar histórias do sobrinho. Ela crê que assim pode evitar que outras crianças caiam no inferno das drogas, que consumiu Kurt Cobain.

O cineasta exibe a escola em que Cobain estudou, com direito a fotos da infância do cantor. Conversa com o professor que acolheu o guitarrista em casa – quando ele foi expulso pelo padrasto. "Cobain era muito amigo dos meus filhos e acabou morando no sofá por dois meses", revela. Segundo o mestre, Kurt "era um cara legal que foi logo se oferecendo para ajudar nas tarefas domésticas". Mesmo com toda essa manifestação de carinho, Cobain deixou de morar de favor para se instalar debaixo da agora famosa ponte do subúrbio de Aberdeen.

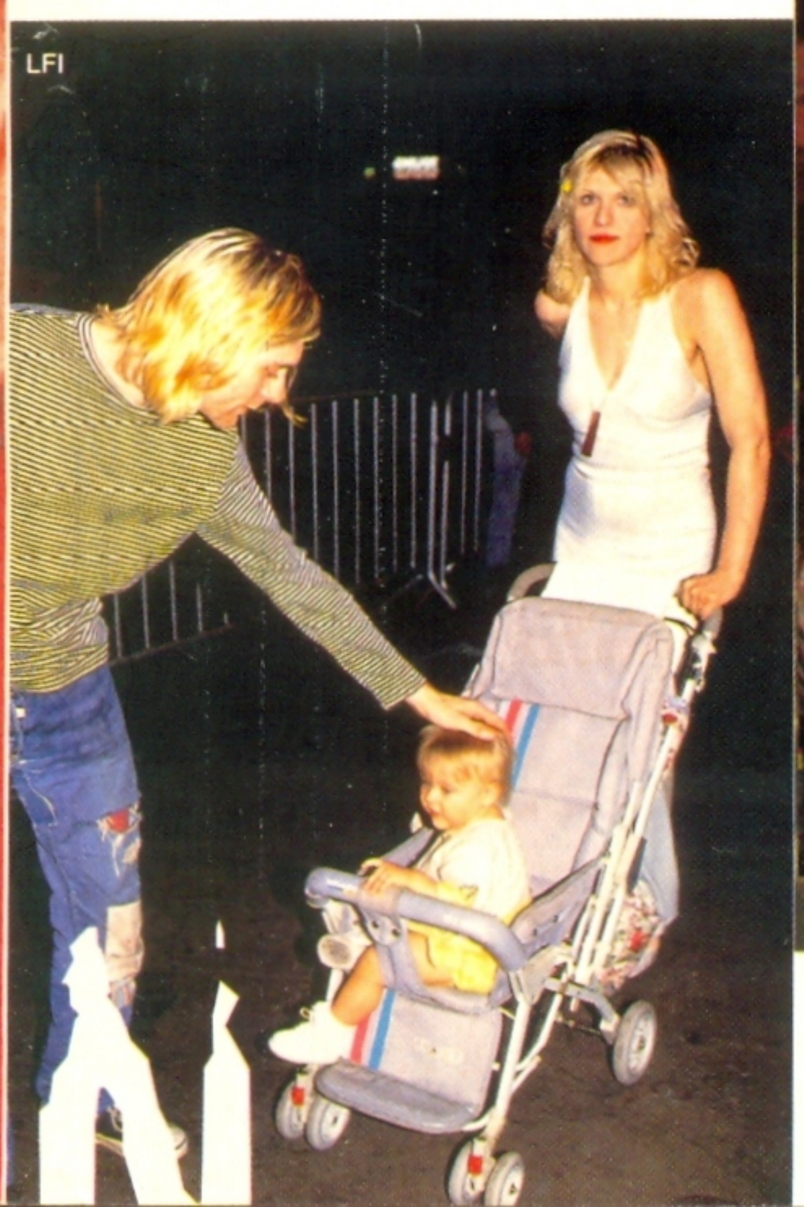
Uma ex-namorada de Cobain também abre suas portas e o coração para a câmera de Broomfield. Mostra o quarto em que os dois dormiam juntos e os quadros pintados pelo cantor. As imagens de uma figura macérrima e vulnerável e de um embrião iluminado e abandonado dizem mais que mil palavras sobre a idéia que Kurt tinha de si mesmo.

Hank Harrison, pai de Courtney Love, surge na tela apenas para esculhachar a filha. Revela detalhes de brigas dela na escola – justo ele, que abandonou a família quando Love tinha três anos de idade. Um ex-namorado da cantora reforça a idéia de que ela nunca foi flor que se cheirasse. Acusa Love de ter roubado a carreira dele e revela que ela vivia tentando mudar sua imagem. "Courtney queria fazer comigo o que fez com Kurt", choraminga.

Cobain também é mostrado como uma pessoa solitária e introspectiva. Mary traz à tona fitas dele conversando com Buddah, a quem foi dedicada carta-testamento, seu amiguinho imaginário – criado quando Kurt tinha três anos.

A julgar pelos "amigos" que aparecem em *Kurt And Courtney*, era melhor para o Nirvana ter ficado com os camaradas imaginários. A maioria tem a aparência decadente de um viciado em heroína e solta comentários vagos. Como Amy, uma assustadora cópia de Courtney, que passa um bom tempo jurando ser conhecida do casal. Ou Dylan Carlson, o melhor amigo de Kurt. Foi ele quem comprou a arma usada por Cobain para dar um tiro em sua própria cabeça. Muito magro e cheio de feridas, Carlson é apresentado como um estranho. "Dizem que ele se protege com uma metralhadora Uzi", comenta, em *off*, Broomfield. "A heroína é uma presença forte e você precisa julgar os depoimentos de quem está alto e de quem não está. A droga é um filtro estranho", completa.

FOTOS: REPRODUÇÃO



Ao lado, Nick Broomfield, autor de *Kurt And Courtney*, filme que tem depoimentos de tipos suspeitos como Hank Harrison, pai da cantora (*abaixo, à dir.*)

Kurt num momento de ternura com Frances e Courtney

O detetive Tom Grant, contratato por Courtney Love para encontrar Kurt – que havia fugido de uma clínica de recuperação para drogados –, apresenta sua teoria. Para ele, Cobain foi assassinado porque não poderia estar consciente depois de injetar 1,25mg de heroína na veia. Tese que é contestada por Nick Broomfield.

À luz de velas, uma ex-babá do casal matraqueia os detalhes da vida do casal. "Havia muitas conversas sobre a elaboração de um testamento", diz. A moça – que parece estar sob o efeito da heroína – pediu demissão pouco antes de Kurt morrer, cansada das brigas homéricas entre ele e Courtney. Nick aproveita a deixa e entrega que Love anunciava aos quatro cantos que estava atrás do "mais malvado advogado de divórcios" para se separar de Kurt.

O cantor de rock El Duce, atropelado por um trem no ano passado, "ressuscita" apenas para entregar o plano macabro da viúva. "Ela me ofereceu 50 mil dólares para matar Kurt. É muita grana, eu devia ter aceitado", arrepende-se. "Cinqüenta mil compra muitas palavras, mas se você me pagar uma cerveja, eu falo muito mais."

Curiosamente, Nick Broomfield não leva às telas a qualidade principal do Nirvana: a química perfeita entre a energia punk e as letras confessionais de Kurt Cobain, intactas em discos como *Nevermind* e *In Utero*. Love proibiu o diretor de usar as músicas do grupo e "Doll Parts" (do Hole) no documentário. Dave Grohl e Krist Novoselic muito menos aparecem no filme. Restam apenas acusações que, falsas ou não, nunca definem exatamente quem foi este gênio chamado Kurt Cobain.

FOTOS: REPRODUÇÃO

Il Dulce (*acima*) teria sido recrutado por Love para matar Cobain. Tom Grant (*ao lado*) também desconfia da viúva

LOVE CONTRA-ATACA

Courtney Love nunca quis saber do documentário de Nick Broomfield. Recusou-se a dar entrevistas para o diretor e se esforçou ao máximo para que a versão da sua vida ao lado de Kurt Cobain nunca chegasse às telas. "Eu queria ouvir o que ela tinha a dizer", diz Broomfield. "Sempre imaginei Love como uma pessoa fascinante. Mas sua resistência acabou por destruir essa imagem."

O filme estava prestes a ser mostrado no Festival de Cinema de Sundance, realizado na estação de esqui Park City em Utah, quando Love deu seu golpe de mestre. Os advogados dela impediram a exibição da fita, que já tinha todos os ingressos vendidos e imprensa a postos. Love alegou que Broomfield não tinha permissão para usar trechos das canções "Smells Like Teen Spirit" e "Doll Parts".

Impedido de reeeditar o som às pressas, o diretor teve o filme eliminado da programação do Sundance. Porém, não deixou barato. Mostrou *Kurt And Courtney* numa única sessão para a imprensa e convidados especiais no festival paralelo Slamdunk, um dos vários concorrentes do Sundance na vitrine independentes.

A sessão teve a presença das atrizes Daryl Hannah e Sofia Coppola, do baterista Lars Ulrich (Metallica), do ator Sean Penn e até mesmo Divine Brown, aquela que foi pega fazendo um trabalho de sopro no ator inglês Hugh Grant.

Nick Broomfield contornou as restrições de Love de uma maneira bem original. Simplesmente tirou as músicas proibidas e as substituiu por sua versão da história. "Eu ia usar 'Smells Like Teen Spirit', mas a sra. Love ameaçou me processar. Então, vocês vão escutar um trecho de uma canção composta por Dylan Carlson, amigo de Kurt", vociferou, para o delírio de Lars Ulrich.

O clima pesado (literalmente) da noite ficou por conta de Hank Harrison, pai de Courtney Love. Ele sentou na cadeira mais próxima da porta de saída para assistir ao documentário, em que presta polêmicos depoimentos sobre sua criação. Ex-empresário do Grateful Dead, Harrison confessa nunca ter conhecido o genro, muito menos a neta Frances Bean Cobain, mas diz com todas as letras que Love

: RETNA

KURT COBAIN

SHOWBIZZ

não presta. "Eu amo Courtney", confessa, logo após surgir numa cena do filme, explicando como assustava a filha com cães ferozes. "Eu a amo, mas não gosto muito dela."

Harrison não leva nem em conta o fato de não ter tido contato com a filha desde a adolescência. "Só tenho de ler meu próprio código genético para entender o que ela vai fazer em seguida", mandou. "Kurt não tinha escolha, ela o sufocou em *smack (gíria para heroína)*."

O detetive Tom Grant também compareceu à sessão. Atualmente trabalhando para Paula Jones (aquela que processou o presidente americano Bill Clinton por assédio sexual), Grant foi o principal motivo para Broomfield fazer o documentário. O diretor ficou impressionado com as acusações do detetive, que inclusive tem um site na Web para defender suas teorias (http://www.tomgrantpi.com).

Grant diz que está nessa para "proteger os jovens. Ainda há muita gente se matando por causa de Kurt", diz ele. "Recebo e-mails emocionais até do Brasil."

A estratégia de lançar o filme para uma platéia seleta funcionou além da conta. Segundo o cine Roxie, cuja distribuidora passou a comercializar a fita, houve o interesse de várias salas de arte ao redor do país. "Todos nos pedem para avisar se não formos processados por exibir *Kurt And Courtney*", revela o gerente.

O Roxie, por sinal, passou perto de servir de palco para a briga entre Michael Chodos, advogado de Love, e o diretor Nick Broomfield. "A senhora Love não tem nenhuma disputa legal a respeito do filme neste momento, nem deseja ter", explicou Chodos, via fax. "Mas se vocês mostrarem o filme, podem ser igualmente punidos pelos danos causados por qualquer afirmação falsa e maliciosa a respeito da senhora Love." Foi o suficiente para que o cinema suspendesse a sessão de perguntas que seguiria à projeção de *Kurt And Courtney*.

Nick Broomfield comemorou com gosto a entrada do filme em cartaz. "Mesmo sem ter o depoimento de Love e dos outros integrantes do Nirvana, eu

Courtney em dois momentos distintos: a bagaceira cantora do Hole e a atriz de Hollywood que veste Versace e vai à cerimônia do Oscar

Kurt Cobain alucina num dos muitos shows do Nirvana: o vocalista se entregava por inteiro no palco

me orgulho da fita", exulta. Dave Grohl e Krist Novoselic ficaram de fora porque, segundo Broomfield, "estavam com medo da reação de Love. Ela é muito controladora e, como viúva, possui os direitos sobre a obra de Kurt. Dave e Krist poderiam ter problemas para tocar as canções do Nirvana", confessa.

Ao final da exibição, feliz e mais aliviado (ele tinha medo de levar uma surra de fãs mais exaltados do genro), Hank Harrison analisou sobre a situação do genro. "Para mim, foi como uma grande tourada. Todas as pessoas queriam um pedaço do touro, mas aí ele morreu. O touro é Kurt Cobain. Ele é um gênio, porque o touro nunca vence. Courtney não tem um talento que Kurt tinha. Ele era um dos caras mais iluminados do mundo", filosofou, pouco antes de se unir a uma trupe de amigos e "ir beber" no Mission, bairro latino de Los Angeles, famoso pelo tráfico de drogas.

ORGASMO E ROCK N' ROLL

por Carlos Eduardo Oliveira

A curta e intensa epopéia do Nirvana não começa em Seattle, mas na minúscula Aberdeen, na costa oeste americana, em que a falta de perspectivas econômicas dos habitantes fez crescer uma enorme economia paralela de cultivo de *cannabis* e cogumelos alucinógenos. Seu filho mais ilustre, Kurt, nasceu em 20 de fevereiro de 1967, filho de Donald e Wendy Cobain (ela, dona de casa; ele, mecânico). O pequeno Kurt mostra afinidades com a música desde cedo: aos dois anos ensaia performances com guitarras de brinquedo; aos sete, ganha discos dos Beatles e dos Monkees.

Irriquieto, Kurt é diagnosticado como uma criança hiperativa e

FOTOS: RETNA

Uma das primeiras formações do Nirvana: Kurt, o baixista Chris Novoselic e o baterista Chad Channing

passa a tomar remédios e anfetaminas sob prescrição médica. É o início de uma longa *love story* entre seu metabolismo e as substâncias químicas.

Na escola, sua inteligência e propensão para as artes são notórias. Pela primeira vez, ele sente vontade de tentar a carreira musical. Mas o divórcio dos pais cai como uma bomba em seus sonhos. A criança extrovertida dá lugar a um moleque tímido e fechado, características que o acompanhariam para sempre.

O estudante Kurt é tímido, arredio e de poucas amizades. "Cheguei a pensar que era gay", o próprio Cobain diria mais tarde. Porém, três momentos são fundamentais para determinar sua futura trajetória. Primeiro, ele tromba com os Melvins, lendária banda local – que deppis ganhou contrato numa *major* graças aos elogios de Cobain. Depois, Kurt conhece o grandalhão Chris (e depois Krist) Novoselic, na época um especialista em imitar Gene Simmons, do Kiss. E por fim o guitarrista o mergulha no american punk rock – Black Flag, Flipper, Vibrators, MDC. "Aquilo era para mim. Meu destino, minha missão. Sabia que podia contribuir para o rock. Só precisava praticar."

Daí para as demos de sua primeira banda, Fecal Matter ("matéria fecal", a semente do Nirvana) é tudo muito rápido, no mesmo ritmo que seu definitivo mergulho nas drogas – que aplacavam as violentas crises de dor de estômago. Nem a presença da primeira namorada, Tracy Marander, intimida sua voracidade por opiáceos. "Era relaxante, parecia que ele estava dormindo", dizia ela. "Eu me aproximava da decadência glamurosa de meu maior ídolo em todos os tempos, Iggy Pop." Kurt empresta o teipe da Fecal Matter para Chris, que o devolveu tempos depois, sugerindo que tocassem juntos. As baquetas não têm dono fixo, alternando-se entre o doidão Aaron Burckhard, Chad Channing e Dave Foster. O batismo de palco foi sob o nome de Skid Row, depois mudado para Ted Ed Fred, Bliss, Throat Oyster, Pen Cap Chew, Windowpane e, finalmente, Nirvana.

O primeiro regurgito criativo de Kurt inclui "Love Buzz", "Mexican Food", "Big Cheese" e "Hairspray Queen" – mais tarde, incluídas na coletânea *Incesticide*. Ansioso por tentar gravar um disco, Kurt parte para Seattle, incensado por EP *Screaming Life*, EP do Soundgarden, lançado pelo selo Sub Pop.

Quem dá as cartas no local é Jack Endino, um ex-engenheiro naval, conhecido por esculpir o "som de Seattle". Depois de operar os botões para a primeira sessão de gravações do grupo. Endino dá o teipe para o cartola da Sub Pop, Jonathan Poneman – que gosta do que ouve. Está aberto o caminho para *Bleach*, primeiro disco do Nirvana, que sai em junho de 1989 e custa exatos seiscentos dólares. O guitarrista Jason Everman é recrutado para as primeira turnês (Kurt ainda não tinha experiência necessária para cantar e tocar guitarra ao mesmo tempo). O cachê se resume a cem dólares por noite, mais uma caixa de cerveja. Sem roadies, os próprios músicos se encarregam de seus equipamentos.

No final de 1989, sai o EP *Blew*, acompanhado, aqui e ali, das primeiras críticas elogiosas na imprensa. O álbum é o passaporte para a primeira tour européia, ao lado do TAD, grupo "conterrâneo" de Seattle. "Foi uma turnê louca, com muitas drogas", recorda Chris. A ela segue-se a segunda turnê americana, que deixa claro as intransponíveis diferenças entre Kurt, Chris e o batera Chad Channing, que é substituído por Dave Grohl. Chris: "Chamamos o cara para uma audição e em dois minutos soubemos que Dave era o sujeito certo." Agora sob a tutela de uma major, a Geffen Records, é esse o time que entra em campo com o produtor Butch Vig para gravar o clássico *Nevermind* e detonar a nirvanamania. É a primeira vez que o Nirvana vê grana alta: trezentos mil dólares antecipados.

Clássico de ponta a ponta, sangrando a poesia áspera e anárquica derivada da alma torturada de Kurt, *Nevermind* mudou o rock do fim do século. O disco saiu sem encarte com letras, "porque eu ainda não estava muito confiante", explicou Kurt. O álbum galga as paradas do mundo todo com veloci-

O ar desencanado dos tempos de *Nevermind* sumiu por completo com a chegada de Courtney Love. Na página ao lado, a última formação do grupo: Dave Grohl, Chris Novoselic, Kurt Cobain e o guitarrista Pat Smear

dade supersônica e e faz o Nirvana surfar o sucesso como a banda mais importante do mundo naquele momento. Seguem-se turnês com Butthole Surfers, Sonic Youth e Dinosaur Jr. e outros. De *Nevermind* saem dois videoclips não menos históricos: "Smells Like Teen Spirit" ("este vídeo define muito bem minha personalidade – anarquia total", comenta Kurt) e "In Bloom", sátira aos programas de TV dos anos 60.

Nem tudo é tranqüilidade. Kurt gasta cem dólares por dia em heroína. Chapado, dorme toda hora, em qualquer lugar, até no meio de sessões de fotos. A banda toda bebe muito. Durante a temporada de festivais americanos de verão, Kurt conhece Courtney Love, então namorada de Billy Corgan (Smashing Pumpkins). E se apaixona perdidamente.

Durante as turnês, as dores de estômago de Kurt vão de mal a pior. "Sabe o que é ter de fazer tudo, 24 horas por dia, com uma p... dor e sem poder reclamar?", dizia. E dá-lhe heroína, então. E cocaína também. Para assegurar seu doce onde quer que estivesse, Kurt leva para a estrada um amigo, responsável em fazer-lhe os "aviões". Entre os mais chegados à banda, corre o boato que Kurt se afundou ainda mais na droga depois de se juntar a Courtney.

Os dois tomam heroína juntos. "Mas eu sempre roubo ela e fico com a maior parte do bagulho pra mim", admite Kurt. O casamento acontece em fevereiro de 1992, no Havaí, sem a presença de nenhum dos parceiros de Nirvana – que simplesmente não suportam Courtney. Meses depois, a senhora Cobain descobre estar grávida. Apesar da insistência de Kurt, ela decide não abortar e parar com as drogas.

Nevermind arrebenta nas paradas e o Nirvana passa por uma briga interna, por causa de direitos autorais. Como principal compositor, Kurt exige ganhar mais que seus parceiros.

Ao mesmo tempo, Kurt tece o material que viria a ser *In Utero*. "Fiz minhas melhores letras nos últimos tempos a base de heroína", orgulha-se. Tanta chapação tinha de dar errado. Em entrevista à revista *Vanity Fair*, Courtney confessa que usou heroína durante a gravidez. Revoltado, Kurt promete matar a jornalista com suas próprias mãos. Antes mesmo da filha Frances Bean Cobain nascer, inicia-se uma longa batalha judicial. A custódia da menina é passada para os pais de Courtney.

Era esse o clima quando o Nirvana embarca para a Inglaterra na condição de atração principal do Reading Festival. Mas o grupo consegue mandar um dos sets mais intensos de sua trajetória. De volta aos EUA, o trio participa do MTV Movie Awards. Nos camarins, um barraco com o Guns N' Roses quase acaba em porrada entre as bandas. Para quem só queria fazer parte do punk, Kurt está enterrado no showbiz até a medula. A inabilidade no trato com o monstro aos poucos apressa sua degradação.

Os Cobain finalmente recuperam a guarda da filha, após uma conta de 250 mil dólares com advogados. Em outubro, o Nirvana vem pela primeira vez à América do Sul para uma apresentação *sold out* na Argentina. Os sinais de esgotamento transparecem na maneira como a banda sabota o show. Sem entusiasmo, tocam muito mal. *Incesticide* surge como redenção no final do ano. Todos os elementos do som do Nirvana estão lá e o disco é bem recebido por público e crítica.

"Estar numa banda de rock não e exatamante como eu imaginava" ou "já não gosto mais disso tanto quanto no começo" são frases recorrentes de Kurt a essa altura do campeonato. Se há uma razão pela qual o Nirvana agüenta incólume inúmeras turbulências, essa é a sólida amizade entre entre Kurt, Chris e Dave. Os três se completam. "Respeito sempre foi a base de nosso relacionamento", apregoa Dave. Mas a fama mina esse alicerce e as coisas já não são mais como antigamente.

As dores de estômago, piores do que nunca, também levam Kurt Cobain à loucura. Quando, em 1993, o Nirvana vem a São Paulo e Rio para shows do Hollywood Rock, não faltam testemunhas da degradação do vocalista. Os shows não diferem das indolentes apresentações argentinas meses antes e dividem opiniões.

A banda recruta o produtor Steve Albini para as gravações de *In Utero*. E apronta o disco em duas semanas. "Que se dane se dizem que fizemos um disco de baixo orçamento para parecermos alternativos", esbraveja Kurt. Maus presságios: suas letras estão repletas de referências a doenças, levando ao extermo a estética musical maníaco-depressiva de *Nevermind*. Como "Rape Me" e "Dumb".

A gravadora não gosta do disco. "Se eles queriam outro *Nevermind*, vão comer minha m...", retruca Kurt. O trio sabe que *In Utero* dificilmente vai superar seu antecessor em vendas. E daí?

Antes de cair na estrada novamente, o Nirvana é todo planos. Chris quer fazer surf music; Dave, tocar guitarra e cantar. E Kurt, fundar o selo Exploitation Records, para lançar álbuns de bêbados e vagabundos que cantam pelas ruas. "É sério", afirma.

O Nirvana parte para a Europa. Por seis semanas nada de estranho acontece. Até que Kurt Cobain entra em coma num hotel em Roma, ao misturar champanhe com o remédio Roipnol (a mistura predileta de Courtney Love para ficar doidona, conforme declarou a um semanário inglês). Os biógrafos do cantor garantem que aquela foi a primeira tentativa de suicídio de Kurt. Se a vida imita a arte (ou vice-versa), todas as músicas do Nirvana acabam na seca, sem fade-out – exatamente como ele, um mês depois. Kurt se mata na sua mansão em Seattle. Em 6 de abril de 1994, um dia depois da morte de Cobain (o corpo dele só foi encontrado pela polícia no dia 7), o Nirvana anuncia sua dissolução.

Quando sua morte é anunciada, aparecem mais câmeras e microfones do que fãs. "Ele entrou para o clube dos idiotas", afirma sua mãe, Wendy Cobain, numa referência aos Hall Of Fame necrófilo do rock. Numa atitude unilateral, toda a cena de Seattle recusa-se a falar com a imprensa. Um discurso emocionado de Courtney, coadjuvado pelos fãs, serve de epitáfio. Na noite seguinte, a festa de sexto aniversário da Sub Pop, antecipadamente programada, não é cancelada. *The show must go on*. Ou melhor, *the song remains the same*. Ou melhor, *nevermind*.

10 RAZÕES QUE PODEM TER LEVADO KURT COBAIN AO SUICÍDIO

1 - Drogas: aos sete anos, Kurt já tomava tranqüilizantes e antidepressivos. Provavelmente vem daí sua propensão para a dependência química, heroína incluída.

2- Fruto de lar desfeito (como todos no Nirvana), cresceu infeliz, sendo empurrado de um parente para outro - nunca superou a separação dos pais.

3 - Anticorporativista xiita, acabou rendendo à Geffen "só" US$ 50 milhões. Se atormentou também por conta disso.

4 - "Ser famoso, pra mim, é viver em paranóia, com todos me invadindo o tempo todo." A frase diz tudo.

5 - Era patologicamente depressivo desde criança.

6 - O fato de virar celebridade o fez viver outro surrado clichê do rock: perdeu contato com a maioria dos amigos da antiga, que continuaram em Seattle - duros como antes.

7 - Kurt e Courtney viviam uma relação de amor e ódio comparável a de Sid Vicious e Nancy Spungen.

8 - Após inúmeras e infrutíferas visitas a especialistas, suas intermináveis dores de estômago foram diagnosticadas como um possível reflexo da escoliose na coluna. Provavelmente, sua postura semicurvada afetava um nervo ligado ao sistema digestivo, causando a dor. Durante os shows, seu corpo fabricava endorfina suficiente para aplacá-la. No final, quando se jogava sobre os instrumentos, Kurt demonstrava que não estava sentindo dor alguma.

9- Kurt se sentia extremamente culpado por não sentir mais prazer em fazer música, o que afetava tremendamente sua relação com o público, imprensa e as pessoas em geral.

10- Como muitos gênios, sofria os reflexos de sua hipersensibilidade. Brilhantemente inteligente, poderia ser ou fazer o que quisesse. Como outros da estirpe, preferiu ir embora.

: RETNA